

## LÁ ONDE NÃO HÁ ESPERANÇA

**veralúcia Ferreira da Rocha**

**País: Mali - África**

Fui para a África com um ardente desejo no coração de poder ajudar àqueles que necessitavam e de participar da cura física e da alma dos que estivessem em busca.

Fiz um curso de auxiliar de enfermagem com o único intuito de ser as mãos, os pés e a boca de Deus, lá onde NINGUÉM quisesse ir. Minha resposta para pergunta do profeta Isaías 6.8 sempre foi "EIS-ME AQUI. ENVIA-ME A MIM."

Contando com esta disposição de olhar para os outros e suas necessidades, fui convidada pelo líder da organização que eu estava cooperando no campo para ir visitar uma aldeia que fica a 90 quilômetros da capital do Mali, Bamako. O caminho para chegar até lá era impraticável, e a pergunta que eu me fazia era: "Será que tem gente morando por aqui?"... Uau! Para minha grande surpresa me defrontei com uma comunidade que estava plena de cabanas todas feitas de barro, muitas crianças, e ali estava o chefe da aldeia que nos aguardava com ansiedade.

Caminhamos um pouco, e, de repente, o chefe da aldeia nos perguntou: "Já que vocês estão aqui, será que não poderiam nos ajudar?". Qual não foi o espanto do nosso líder, que em seguida perguntou ao chefe: "Que tipo de ajuda vocês estão precisando? Venham quero mostrar-lhes um local para que vejam o que nós chamamos de maternidade.

Aceitamos o convite dele, e lá fomos nós. Ao chegarmos diante do local, não acreditávamos no que via os nossos olhos. Um lugar sujo, mal organizado, sem nenhum recurso para trazer com dignidade uma criança ao mundo. Todo local era coberto de palha, a mesa do parto coberta com um plástico preto totalmente empoeirado, e, o pior, não tinha uma iluminação adequada. Ele nos apresentou a parteira e ela nos disse que se tivesse que fazer um parto durante a noite, ela precisaria utilizar uma lanterna.

Pense vocês, o que eu senti diante daquele cenário? Era uma pobreza gritante, e pelo fato de conhecermos algumas realidades malinesas, como, por exemplo, das mulheres que morriam após o parto com hemorragias terríveis causadas pela prática desumana da mutilação genital feminina, saí daquele lugar chorando e me perguntando o que poderíamos fazer para ajudar àquele povo.

O Mali é o segundo país no mundo em que essa prática desumana ainda é uma realidade. Devido essa situação as mulheres são vítimas não só de hemorragias, mas, também, de fistulas tão graves que as impedem de ficarem de pé. Para levar uma mulher com parto complicado da aldeia onde estávamos até um outro centro de saúde com recursos para realizar o atendimento são 18 quilômetros. Esse percurso só é possível realizar o apoio de uma charrete ou na garupa de uma moto. Quadro doloroso e desumano! O que fazer?

Ao voltarmos para Bamako compartilhamos com todo staff da nossa organização, e comecei a pesquisar sobre a possibilidade de buscar recursos para construir uma maternidade, ou, pelo menos, um local onde os pequeninos viessem ao mundo com um pouco de dignidade.

Sentia-me desafiada e confrontada com esse cenário terrível; entretanto, da mesma forma, estava diante de uma situação real, não havia recurso financeiro disponível!

Então, eu decidi fazer um orçamento, e, de verdade, não sabia a quem recorrer. Eu pensava: "E se eu tiver os recursos para construir a maternidade, vou precisar de profissionais qualificados, de preferência nacionais que possam ser formados para prestar um serviço de qualidade e com excelência para este povo tão sofrido. Onde encontrá-los?"

Após esse tempo eu retornei ao Brasil e durante 4 meses desafiei as igrejas batistas brasileiras durante a mobilização missionária no Sul do Brasil, e os convidei para irem comigo para o Mali.

Fiquei extremamente admirada pela resposta recebida por mim, pois foi algo indescritível! Eu consegui os recursos necessários. Mas, e agora? "Mãos à obra!"

Depois de 3 meses de trabalho incansável e intenso, estava pronta a nossa "CASA DE GRAÇA". Esse nome foi escolhido pela comunidade, especialmente, pelas mulheres. Nós começamos os preparativos para a inauguração. Os aldeões prepararam uma festa que jamais será esquecida. Eles mesmos convidaram as autoridades da comunidade, e um fato marcante era ver a expressão de gratidão de todos eles, especialmente, das mulheres.

Agora a aldeia de Bankoumana tinha a sua maternidade e daria assistência a outras 13 aldeias que estavam ao seu redor. O sonho era de oferecer àquele povo cuidados com excelência. Comecei uma campanha de sensibilização na comunidade perguntando quem gostaria de se apresentar para ser formado como enfermeiro ou enfermeira e, assim, poder atuar na maternidade.

Eu tive a alegria de acompanhar o primeiro candidato e a nossa organização no Brasil, pagou toda a formação dele. Em seguida, uma jovem senhora da mesma aldeia expressou o desejo de ser formada. Essa jovem foi para a capital, e consegui, pela graça de Deus, que uma igreja no Rio de Janeiro pagasse todos os seus estudos.

Como trabalhei como voluntária em uma escola que se encontrava dentro de um lixão, fui desafiada mais uma vez, a dar um passo de fé. Eu consegui uma jovem senhora para me ajudar, e durante este tempo, tivemos ajuda de uma O.N.G. Espanhola, que nos concedeu a oportunidade de formar mais duas enfermeiras.

Sinto-me privilegiada, por ter podido ser alguém que não só cooperou com o Reino de Deus, mas que pôde ser útil no meio da nação malinesa, formando vidas que serão não somente profissionais, mas serão também cidadãos que ajudarão o seu país e nação a ter um desenvolvimento social utilizando os valores que honram a Deus e também fazem toda diferença na comunidade, obedecendo ao Mestre JESUS: "Amarás o senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda tua alma, e com todo teu entendimento, e amarás ao teu próximo como a ti mesmo." Onde há Deus, há esperança: Jesus é a nossa esperança!